REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 825

30 DE NOVEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ERMETTE ZACCONI

Um dos mais afamados artistas theatraes italianos, rival de Emmanuel e de Novelli, está actualmente entre nós, representando no theatro de D. Amelia.

Talento gigante, reconhecido como dos mais extraordinarios interpretes d'Ibsen, deu-nos do grande auctor norueguez a famosa peça *Os Espectros*, já nossa conhecida do repertorio de Novelli.

Feitos os confrontos, dividiram-se as opiniões, todas, porém, unanimes no enthusiastico applauso.

De todas as peças até hoje representadas por Zacconi foi *A Morte Civil*, de Jacommetti, a que maiores ovações mereceu ao famoso actor. Na scena em que nos conta o crime foi inexcedivel, incomparavel na scena de morte.

O Pão Alheio, o *D. Pedro Caruso*, o *Gringoire* foram outras tantas provas do seu altissimo valor.

Classificado vinha; mais não fez do que confirmar sua fama.

Actor genial, foi um verdadeiro successo theatral a sua *tournée* com a Duse pelos principaes theatros de Italia. Na Russia ficou celebrado o seu nome. Em Madrid causou delirio. Lisboa cumpre seu dever mostrando-lhe o apreço em que tem os verdadeiros, indiscutiveis talentos.

CHRONICA OCCIDENTAL

De quando em quando, apparece por ahi uma revoada de crimes, tal qual moscas ou formigas, lagartas nas couves, ou, a seu tempo, as castanhas.

E pergunta-se com espanto: porque será? Porque emfim o crime chega a ser natural, mas a revoada, sempre a revoada! Isso é que tem dado cabo de muito bestunto e dos mais illustrados e dados á philosophia.

Falta-nos o espaço para um indice muito simples do muito que por ahi houve em Lisboa, seus arredores e provincias.

Um homem que esfaqueia outro á sahida d'uma taberna, um miseravel que tenta matar a mulher e um filho, um sujeito que atira dois tiros sobre um ex-socio n'uma casa de comes e bebes, um chulo que enterra uma faca n'uma desgraçada, que afinal o ajudava a viver...

Que mais ainda? Quasi estive para citar um verso que Victor Hugo põe na bocca de Ruy Gomes, mas anda tão estafadinho que o deixei descançado por esta vez.

Os jornaes noticiosos é que andaram radiantes e prestam realmente verdadeiro serviço á curiosidade alfacinha. Não podemos asseverar que o serviço se estendesse mais longe ou a coisa superior. O que é certo é que os jornaes se venderam e eram olhos a lêl-os, que até fazia admiração! Cada um parecia pelo menos uma lanterna de guarda nocturno.

E' talvez por ellas serem muito curiosas, que tanto brilham os olhos das mulheres.

O ultimo numero da *Parodia* trazia a este respeito uma magnifica primeira pagina e um divertidissimo artigo d'um de seus principaes collaboradores.

Que massada com effeito não haver um crimesinho que uma familia se entretenha a commentar! Por isso papá, mamã, meninos, todos deixam cair o jornal e se põem a abrir a bocca, n'uma cantoria de aborrecidos.

Mas deu-se um crime?... E' uma alegria! Foi medonho?... Tanto melhor! A policia ainda não deitou mão ao malvado? Oiro sobre azul!

E lá temos o *reporter* em campo por um lado, a policia de grandes bigodes por outro. O caso complica-se; os pormenores accumulam-se; falam as visinhas; apparecem cartas anonymas; publicam-se retratos; innocentes são presos. Vai tudo ás mil maravilhas! Os jornaes vendem-se; os garotos apregôam-os com maior alegria. Um gritado *á ultima hora!* faz estremecer os corações.

E até os criminosos, que tudo lêem quando sábem ler, e sabem cada passo da policia, teem estremecimentos de goso e de legitimo orgulho. Jogam com batota é verdade, porque fazem seu pescanço para o jogo do parceiro. Mas, tambem, porque é que elle é tolo e mostra o jogo?

Até quando é preso, nem por isso deixa de se mostrar satisfeito: foi falado.

E, os outros a crescer-lhes agua na bocca!

Tantos crimes se teem dado que no rosario já começam a ter valor apenas os padre-nossos mais gordos. Umas simples historias de ciumes, uma desordemzita, uma singela malvadez, que importancia póde isso ter? Ás vezes faz-se um esforço, entra-se em pormenores insignificantes, mas o caso não pega. O publico já sabe d'aquillo como verdadeiro mestre.

Que ha de fazer um dramaturgo ou romancista em

complicados folhetins? O *reporter* é seu grande rival. Iremos mais longe ainda. O *reporter* é o grande rival que o Zacconi veiu encontrar em Lisboa.

Como quer o desgraçado actor, que nos veiu visitar quando tão entretidos andavamos cá pela cidade, commover-nos, metter-nos n'um lençol de lagrimas, arripiar-nos os cabellinhos do corpo, se as maiores commoções, e muito verdadeiras, nos foram aqui dadas por criminosos autenticos que não descem a palhaçadas?

Pois imaginará o famoso actor que ainda nos pódem bulir os nervos *Espectros* e *Poder das Trevas*, o *Pão alheio*,e o *D. Pedro Caruso?* Seria levar muito longe a ingenuidade.

Não se chega a perceber como o theatro D. Amelia se enche todas as noites. Aquillo é snobismo por força ou é tudo irmandade da Graça, tudo claque. Só assim se explicam as ovações.

Que nos importa que Zacconi seja déveras um grande actor, que nos tenha dado ou venha a dar as peças dos maiores dramaturgos, que seja prodigioso o seu trabalho e Ibsen, Tolstoi e Turguenieff tenham n'elle um genial interprete? Ali muito perto do theatro D. Amelia, um patife esfaqueou uma mulher que fazia pouco d'elle, esfaqueou a valer, a mulher morreu. O sr. Zacconi já morreu?

E entretanto era tal a fama de que já vinha precedido o grande actor italiano, que El-rei e a S.ª D. Amelia, tendo de partir n'esse mesma noite para a Batalha, não quizeram perder o precioso espectaculo e lá estiveram applaudindo-o, e á meia noite abalaram no comboio expresso.

Havia a cumprir um dever de gratidão. Tratava se de remover para seu novo, condigno tumulo as cinzas dos reis D. Affonso V e D. João II, as da Rainha D. Isabel, (e do desgraçado infante D. Affonso, em quem tantas esperanças se haviam fundado e tão desgraçadamente morreu.

Descançam finalmente ao lado do grande fundador do mosteiro, que o foi tambem da dynastia de Aviz.

Estas tres ultimas palavras que enormes glorias não recordam! as maiores decerto de toda a nossa gloriosa historia, a que vai desde as luctas da independencia até aos feitos heroicos da conquista dos mares. Maiores que todos foram o Rei de Boa Memoria e o Principe Perfeito, foi a grande geração dos Infantes. Os dois reis lá estão finalmente um ao lado do outro e foram suas exequias uma nova apotheose.

Nossa Senhora da Victoria é a invocação do templo erguido por voto de D. João I, quando sete mil portuguezes se acharam em Aljubarrota frente a frente com o formidavel exercito castelhano. Leia-se a discripção da batalha no grande chronista Fernão Lopes. Quem não se atrever com a lingua velha do genial historiador percorra as paginas brilhantes de Oliveira Martins no seu *Vida de Nun' Alvares*.

Templo e convento são o mais bello monumento architectonico que existe em Portugal. Cada uma d'aquellas pedras rendilhadas conta um trecho de epopéa. Fala d'uma crença antiga, da fé que então havia em Deus e na patria que se affirmára. Aos heroes da epopéa seguiram-se os da tragedia, e tão grande é a gloria do vencedor de Aljubarrota como a do Infante Santo arrastando em Fez seus grilhões de captivo.

Que lendas andam ligadas a cada uma d'aquellas pedras!

Deu El-rei audiencia na grande, maravilhosa sala do Capitulo, e tambem essa nos conta a lenda d'um grande portuguez, do cego Affonso Domingues, seu architecto. Toda essa historia serviu de assumpto ao romance *A Abobada* de Alexandre Herculano, um dos famosos cantores da Batalha.

Chegou a Leiria o comboio real na manhã de quinta feira e, conforme o programma, se realisaram todas as cerimonias de recepção, almoço, missa e sermão prégado pelo distincto orador Alves Mendes. Depois do quê os quatro caixões foram transportados para o local definitivo, junto d'onde repousa o primeiro rei de Aviz.

A' volta appareceu deslumbrante a cidade de Leiria com seu lendario castello todo illuminado.

Muitos dos viajantes trouxeram queixas: muita fome e muito cançasso. E' que foi enorme a concorrencia.

O tempo ajudou muito. Os dias magnificos não quizeram interromper a serie. De todas as visinhanças enorme multidão curiosa de ver as cerimonias e os reis de Portugal, correu a Leiria e Batalha. Os estudantes de Coimbra fizeram-se representar em grande numero e um d'elles obteve d'El-rei dois almejados feriados.

Dias lindos que se succedem, embora muito frios, animaram tambem Lisboa, a que já recolheram os mais retardatarios dos retardatarios.

Já os jornaes que d'isso se occupam enchem columnas com os nomes das distinctas senhoras que assistiram ás recitas de Zacconi, o assombroso actor que ora está no theatro D. Amelia e todas as noites nos causa maior enthusiasmo.

Um rival tem cá, o famoso fakir, um homem que espeta agulhas nos braços, que rasga a barriga com um alfange, queima as mãos n'um archote, deixa-se morder por uma serpente e um d'estes dias até é capaz de cortar a cabeça e dar-lhe depois um beijo.

Dividem-se portanto os espectadores, o que, mais uma vez, prova que ha gostos para tudo.

Enchentes no theatro D. Amelia, enchentes no Circo. Ibsen n'um dos pratos de balança no outro uma brutalidade. O fiel ao meio.

Entre os espectaculos d'esta ultima semana não devemos deixar de mencionar o concerto promovido pela Sociedade de Amadores de Musica de Camara, realisado no salão do Conservatorio. Todo o programma era composto por algumas das obras primas de Beethoven. Todos os amadores e artistas receberam enthusiasticos applausos.

Terminando, damos a boa noticia da chegada de Sousa Bastos com a sua companhia. A todos enviamos os nossos parabens.

Boas noticias infelizmente não podemos dar com respeito á sociedade exploradora do theatro de D. Maria. Nada temos com a sua gerencia, mas muito sentimos, sem sequer os commentar, os factos que ultimamente se deram e foram causa da substituição do ensaiador, o distincto artista Augusto Mello.

João da Camara.

ESTUDOS ECONOMICOS

Alfandegas

IV

O commercio de Portugal, florescente no seculo XVI, vai em continua decadencia no seculo XVII, e é apenas luz bruxuleante no seculo XVIII. Duas causas principaes originaram essa rapida declinação. A primeira foi o systema economico que deixámos esboçado, a segunda, o systema politico então em vigor em toda a Europa.

O commercio que se fazia em Lisboa era certamente ephemero, porque, apenas cessasse a importação das colonias, faltava logo ao nosso povo um dos elementos essenciaes para as transacções com as nações extrangeiras. Só é verdadeiramente rico o paiz productor, e Portugal nesta segunda epocha nem o era, nem o podia ser.

As populações agricolas, que pelo seu continuo amor pela terra, e que, por sacrificios continuos, fazem brutar d'ella a grande riqueza, primaria e essencial ao progresso de um povo, no que diz respeito ás subsistencias, sem as quaes é sempre nocivo o augmento de população, não possuia entre nós os terrenos que agricultavam. A propriedade estava immobilisada nas mãos das corporações de mão morta e dos morgados; immobilisada pelos *coutados*, *baldios* e maninhos, pertencentes á corôa, aos nobres, e aos conselhos. Sem duvida a emphyteuse, na edade media, tinha dado elementos de trabalho aos povos agricolas, mas atravessando uma epocha feudal, tinha-se resentido do systema de emprasamentos do direito germanico; e mais tarde sido aggravada com os preceitos, que neste ponto ensinava o direito romano.[1]

No seculo XV continua a ser mister da nobreza a guerra, e agora as grandes expedições, offerecem ao seu genio audaz e aventureiro largo campo. Redobram por isso as despesas, e, para lhes accudir, as vexações e encargos sobre o agricultor. As leis e documentos, que a contar d'esta epoca dominam a sociedade portugueza, mostram-nos nas terras os rendeiros, emphyteutas, foreiros e jugadeiros. Eram porém innumeros os tributos que recahiam sobre elles. Nos predios censuarios a substancia do lavrador era extenuada pelos numerosos foros e rações; nos predios livres recahia o fisco com os dizimos[2], cizas, portagens, açougagens, relegagens, e mil outros encargos onerosos.

Com um illustre escriptor nosso, podemos dizer: — «Os lavradores esmagados com o peso dos tributos, ou pela usura das rações e serviços dos predios não alludiaes, amaldiçoavam a sua sorte. Os senhorios, o clero e o fisco arrebatavam-lhes da eira e do lagar o melhor dos fructos, e a pobreza mais desconsoladora entristecia-lhes o lar, em que a presença dos filhos, motivo de alegria, até para os indigentes, vinha sentar o espectro da fome.»

Contra esse estado de cousas, muitas vezes reclamaram os povos; e já em 1430 os procuradores da cidade do Porto diziam em côrtes de Santarem, que essas extorsões — «haviam reduzido os coitados dos lavradores a serem tão pobres, que não tinham porque pagassem as rendas aos senhorios, nem a vos (ao rei) os pedidos e avenças das cizas, nem para comprarem os bois nem gados, nem ferramentas, e cousas que havia mister para seu viver.» Doe imaginar tal miseria, principalmente quando se conhece que ella continuou. Em 1472 nas côrtes de Coimbra repetem os povos as suas queixas, e pedindo a reforma dos abusos, terminam, «e esta senhor, será a mais honrada visitação, provisão e correição que vossa alteza possa fazer em vosso reino.» Nos capitulos 13 e 132 das côrtes, principiados em Evora, (1473) e acabados no anno seguinte em Vianna de Apar-de-Alvito, gritaram altamente os povos, já contra os alcaides-móres, que lhes faziam muitas oppressões, em lhes tomarem seu pão, roupas e gallinhas, e que os obrigavam a servir como mouros; e já contra todas as ordens e egrejas.

Taes reclamações eram justissimas.

A boa fé dos povos, na edade media, tinha deixado perder como inuteis os titulos da propriedade[1]. Os legistas porém exigiam-nos[2], e, com difficuldade de apresentar esses titulos, ou de luctar com os romanistas, o povo depois de vexado com *tributos e costumes novos*, perdia o terreno a que tinha dado valor pelo trabalho.

Os ultimos acontecimentos do reinado de D. João II, rei que muito prezava o braço do povo, não permittiram, que attendesse ás reclamações das côrtes D. Manuel pretendeu pôr côbro a estas desgraças publicas, e houve a grande reforma dos foraes. Quem seguir porém attentamente a nossa historia politica desde o começo da monarchia, convencer-se-ha de que essa reforma não foi mais do que o complemento, ou a ultima pedra collocada no edificio do poder absoluto.

No seculo XVI todas as leis têm como fim visivel coarctar o poder, por toda a parte onde elle existir, e reunil o nas mãos de um só homem — o rei[3]. Assim os principios, que presidiram á refórma dos foraes são identicos aos que originaram a revogabilidade das doações regias, a reversão, as confirmações geraes e a lei mental. São identicos aos que introduziram os corregedores na organisação judiciaria, o regimento da guerra nas ordenações, e que deram logar ao *Livro velho das linhagens*[4]. Se a causa apparente d'essa reforma foi accudir ás miserias do povo, e reprimir a arbitrariedade dos nobres, é certo que a latente, mas que a philosophia da historia nos ensina, foi o tornar a lei uniforme para todos, sugeitando a sociedade a um unico homem. Existiam as collecções civis, era necessario que acabassem os privilegios dos foraes.

Assim esses diplomas, para o povo, ficaram sendo não só escripturas de obrigações emphyteuticas mas principalmente codigo geral das contribuições, tanto directas, como indirectas, nos concelhos. Os foraes reformados das cidades, os novos foraes das alfandegas, e até os foraes de Portagem, são os codigos, onde depois do seculo XVI se encontram as leis da fazenda. D'este modo pode-se affirmar que a nova centralisação, deslocando o mal dos encargos que recahiam sobre o povo,

---

[1] «Com a mistura de clausulas proprias da natureza e costumes feudaes, e clausulas de natureza emphyteutica, se convencionavam nos primeiros seculos d'esta monarchia os emprasamentos. Lobão: App. ao D. Emph., tit. 1.º § 7. A emphyteuse do direito romano entre nós, começou a tornar-se frequente depois de D. João I. *Hoc. jus... apud nos frequentari praesertim caepit tempore Joannis I.* M. Freire, liv. 3, tit. 11, § 2. nota.

[2] Vide Rel. ácerca dos dizimos de Sanct'Anna e Vasconcellos, o jornal *America*.

---

[1] Alguns titulos da propriedade tinham-nos os povos perdido; outros como foraes dos donatarios, e por que então se regia a propriedade no reino, eram a — *maior parte falsificados, antrelinhados, rotos, não auctorisados.* Côrtes de Coimbra de 1472 e acabadas em Evora em 1473. Outros titulos não existiam, e d'ahi provém a renovação de posse de tres em tres annos.

[2] Damião de Goes, Chron. de D. Manuel, 6.ª cap. 25.

[3] Vide as Ordd. Manuel., liv. 5, tit. 69; liv. 5, tit 91; liv. 2, tit. 45 e liv. 2, tit. 36, onde, a titulo de beneficiar os póvos, se revela bem claro o pensamento do poder real.

[4] Coarctar o poder da nobreza, coarctando-lhe os privilegios e regalias, que constituiam a sua força, tal é, como já o fizemos sentir mais de uma vez, o intento dos reis de Portugal, logo depois da constituição da nossa sociedade. A chronica vulgar mais antiga que nos resta, diz — «A qual renembrança serve a proll porque muitas vezes mostram perante El-Rei nosso senhor e perante os seus juizes algumas doações e outras escripturas, *que fazem em prejuizo dos direitos e cousas da coróa dos Reinos*, fazendo taes cartas de doações mençom que foram outorgadas por hum Rei o quall segundo a dada dessa escriptura já era finado.» Vide *Portugaliae Monumenta historica. — Sciptores*, vol 1, pag. 22.

O *Livro velho das linhagens* foi ainda um meio para obstar ás extorsões dos nobres feitos a titulo de padroeiros, e sob a forma de — *comedorias, casamentos, cavallarias*, ás egrejas e mosteiros. Aquelle livro, registo publico da aristocracia, era o documento por onde deviam afferir esses direitos, para com as egrejas; assim como os registos dos bens da corôa eram o titulo, por onde se resolviam as questões de propriedade, e ainda as do privilegio. Vide o que diz A. Herculano, na introducção, aos *livros de linhagens, Portugaliae Monumenta*, pag. 135.

ou antes aggravando-o, porque o regulava, nenhum lenitivo veio trazer á vida difficil do homem de trabalho.

Sem duvida ha nesta epocha a fixidez dos impostos indirectos; isentam-se de portagem alguns objectos de consumo, nas alfandegas interiores, e da dizima nas exteriores [1]. Porém como já fizemos sentir, as garantias locaes do cidadão desapparecem, os foraes ficam sendo pauta de impostos, e o municipio, tão energico, tão cheio de vida na edade media, se conserva ainda o nome como gloriosa tradição, já não é o grande fôro dos homens do concelho.

Ainda por outro lado, pequeno foi o beneficio d'essa reforma; se limitou a arbitrariedade em materia de exacções, deixou ficar vigorando a mesma organisação da propriedade; cresceram as contribuições indirectas, e além d'esses impostos, pelas Ordenações, eram os agricultores obrigados a numerosos serviços, e a fornecer bois, cavallos e carros para os transportes, tudo a arbitrio do poder absoluto [2].

Com taes disposições acanhou-se a agricultura, e em breve arroteado apenas o terreno de grande fertilidade, a maior extensão do solo ficou maninho improductivo [3]. Decresceu sensivelmente a população, de que resultou o grande preço dos serviços, e por conseguinte a diminuição correspondente nos proventos do agricultor. Assim desde D. Manuel, principia um paiz dotado da maior riqueza agricola a alimentar-se de cereaes extrangeiros [4], e, despovoados os campos, o pauperismo apparece terrivel nas cidades [5].

Tal era a desgraça dos povos, e assim devia ser porque, alem de tudo o que dissemos, faltava á industria agricola o capital, primeiro e poderoso elemento do trabalho. O codigo affonsino tinha condemnado os emprestimos com juros, e todos e quaesquer contractos, em que o dinheiro, o ouro e a prata auferissem lucros pela venda [6]. Estas restricções obrigaram os interesses necessitados a illudir a lei, mas por isso mesmo originaram pelo temor da perda, as clausulas vexatorias e a usura dos judeus: o resultado era facil de prever; ou os interesses auferidos pelo trabalho eram absorvidos pelos agiotas; ou não chegavam a satisfazel-os, e fazia-os recuar nos emprestimos. Em ambos os casos soffria o productor e toda a população.

Taes erros economicos, arvorados como lei pelo poder absoluto, e até sob o titulo de protecção, abafavam as forças productoras do paiz, estancando o manancial mais copioso da sua prosperidade, — a industria agricola. Mas se as rendas elevadas, os salarios altos, a raridade dos capitaes, e de concelho para concelho as barreiras das pautas e prohibições municipaes, excluindo a venda dos productos, ou carregando-os de direitos pezados, tolhiam por toda a parte o desenvolvimento da agricultura, essas causas complicadas, com os regulamentos reaes das fabricas, com os direitos das alfandegas, e mais impostos, deviam obstar ao incremento das industrias fabris e ser a causa da sua decadencia.

E na verdade, n'este periodo, as leis que pretendiam reger o trabalho manufactor, coarctavam a liberdade individual, procurando regular até as operações mais secundarias das industrias fabris.

Essas restricções e regulamentos, apezar de estabelecerem premios pecuniarios e privilegios, para animar este ou aquelle ramo, tinham todavia o grande inconveniente de difficultar o adiantamento dos processos de fabricação, paralysando, em vez de estimular, o seu desenvolvimento [7].

Alem d'isso a acção fiscal, sugeitando a producção ao encargo do imposto de 10 por cento de entrada sobre as materias primas, ao tributo oneroso da ciza, 10 por cento sobre a venda, e em muitos casos á accumulação de outros 10 por cento de decima, deviam concorrer, e na verdade concorreram, para que as industrias no nosso paiz nunca sahissem d'uma infancia enfezada. Para lhes matar o desenvolvimento, alem d'estes impostos, lá estavam as pautas dos concelhos, os juros exorbitantes, a elevação dos salarios, a carestia das subsistencias, o alto preço das materias primas, o atrazo dos processos fabris, e até finalmente as corporações, ou gremios dos officios, artes e commercio.

Uma vez desconhecidas as leis naturaes que regem o mundo economico, succedem-se os erros, e uns como consequencia dos outros. A falta de productos agricolas e artefactos necessarios ao consumo da sociedade portugueza, aperfeiçoou o systema prohibitivo, que vedou a sahida dos artigos principaes á existencia, e a do numerario. Esta prohibição, depois do quadro sombrio que acabámos de desenrolar, era injustissima, e principalmente, porque vigorando então as Ordenações, que mandavam taxar generos e obras [8], os productos não podiam ir procurar mercado onde auferissem ganho honesto, mas ficavam sugeitos no paiz á vontade dos almotacés, que não attendiam nem tinham em conta as despezas, os sacrificios e difficuldades da producção. Sem duvida, o systema prohibitivo não era completo, pois não vedava as importações, abria os portos aos cereaes extrangeiros, e até os direitos sobre alguns pannos de fóra nos apparecem diminuidos. A lei dos alealdamentos porém tornava inefficazes essas medidas. Sendo obrigados os mercadores a empregarem o producto da venda das mercadorias, em generos nacionaes; a escacez d'estes, e a prohibição da sua sahida, tornava limitada a offerta d'aquelles, e fazia diminuir o giro das permutações. Estas floresceram em Portugal no seculo XVI e Lisboa foi o grande centro commercial do universo; mas essa grandeza illusoria desfez-se rapidamente logo que os hollandezes e inglezes nos levaram os melhores mercados coloniaes, e faltaram em Lisboa as especiarias e riquezas do oriente, para entrar nos retornos dos mercados estrangeiros.

(Continúa) *Conde de Valenças.*

---

[1] Foral do Porto, § XXXVII; Foral da Alfandega de Lisboa, cap. LXXII.

[2] Ord. Aff. liv. 2, tit. 24; liv. 2, cit. 24, § 22 Ord. Manuel, liv. 2, tit. 15. Egual systema tinha logar em França no seculo XVII. Colbert pela declaração de 25 de janeiro de 1671 prohibia que se tomassem as bestas dos rendeiros. A. Blanqui, *Historia da Economia Politica*, tom II, pag 5.

[3] A Ord. Manuel., liv. 4, tit. 67 renovando a lei das sesmarias confirma a verdade do que dizemos.

[4] Cartas de 3 de julho de 1516 e 24 de agosto de 1522. Coll. de D. N. de Leão, pag. 183. Baseado nos capitulos das côrtes de Evora e Torres Novas de 1525 e 1535, e das côrtes de 1562, diz Rebello da Silva: — «Chegou ao extremo de consumir annualmente perto de 500:000 cruzados em abastecer o paiz de cereaes, não contando os que entravam pela raia secca. *Historia*, vol. IV, pag. 437.

[5] O pauperismo apparece em Portugal no reinado de D. Manuel. Foi este rei o primeiro que legislou ácerca dos soccorros devidos aos indigentes. Para os soccorrer estabeleceu o imposto de 1 % sobre todas as rendas reaes. A. Bouchot, *Portugal e suas colonias*.

[6] Ord. Aff. liv. 2, tit. 57; liv. 4, tit. 3 e liv. 5, tit. 43. A lei de 16 de janeiro de 1570 do D. Sebastião, prohibe sob penas severas todo o interesse ou cambio do dinheiro, ou seja para feiras, ou seja para os logares do reino, ou de fóra; e com tanto rigor, como se não encontra no casuista o mais severo. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a historia do governo de Portugal*, pag. 137 Vide tambem Theoria e Legislação do Recambio do sr. Ernesto Hintze Ribeiro, pag 1 e seguinte.

[7] Vide o Regim. de 7 de janeiro de 1690, que manda observar rigorosamente o regimento de 1573 da Fabrica de pannos do reino, dado por D. Sebastião, e isto até ao capitulo 96; d'ahi em deante o poder real reformava — «segundo requer a mudança e variedade dos tempos, e conforme a experiencia que depois se teve, do que melhor convinha. Accrescenta mais onze capitulos.

[8] Os erros, que induziram o codigo affonsino a taxar generos e obras, e a negar a liberdade do trabalho, obrigando os mesteiraes a usar dos seus mesteres, sómente com a mira em ganhos honestos, determinados previamente, encontram-se formulados em lei na compilação de D. Manuel, e mais tarde na de Philipe II. Vide as Ordd. Manuel, liv 2, tit. 46, §§ 13 e 27; liv. 2, tit. 49, §§ 3, 7, 8 e 9; e tambem as Ordd. Philip., liv. 1, tit. 18, § 1; liv. 1, tit. 68; liv. 5, tit 76 e 77. Vide tambem o alvará de 27 de janeiro de 1640. Algumas camaras até punham almotaçaria ás fazendas que vinham de fóra do reino, o que foi prohibido pelo capitulo LV do Regimento de 1763. Só no seculo XVIII apparecem as leis que acabam com systema tão anticonomico.

O Alvará de 20 de fevereiro de 1765 aboliu a taxa dos generos para Lisboa e termo, permittindo unicamente a estiva do pão, azeite e palha; a lei de 11 de julho de 1821 e alvará de 12 de março de 1823 aboliram a excepção do *citado alvará*, prohibindo geralmente a taxa dos generos em todo o reino; e a portaria de 15 de janeiro de 1841 mandou requerer em juizo a annullação de uma postura municipal, que havia estabelecido taxas ao vinho e pão, como contrarias ás citadas leis; todavia a portaria de 7 de junho de 1843, *Angra*, declarou que a camara municipal podia fazer posturas ácerca da estiva do pão, porque esta não é taxa, mas simplesmente a designação da relação entre o preço do genero e a sua manufactura, tendo por fim regular o exercicio de uma industria, e sobretudo evitar um monopolio fraudulento.

A distiucção feita por esta portaria entre *estiva* e *taxa* (diz o erudito annotador do Cod. Adm.) parece não passar de uma subtileza, e ainda que o seu fim fosse de incontestavel utilidade publica, o meio empregado não foi talvez o mais legal nem o mais efficaz.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 821)

1898-1899

Enorme affluencia á assignatura na epocha de 1898 1899 — Tres especies de assignaturas — Como á medida que mais se tem accentuado a decadencia do theatro lyrico, mais se teem elevado os preços, e mais tem augmentado a concorrencia do publico — Preços do theatro n'esta epocha — Companhia lyrica — Abundancia de bons tenores — Fraqueza das damas — Operas novas *Werther* e *Saffo*, de Massenet — *Serrana*, de Keil — Os tenores De Lucia, Ibos, Delmas, Giraud, Cartica — Reapparecimento da dama Tetrazzini, e do barytono Ancona — Festas artisticas e beneficios — Trechos das operas *Walkiria* e *Tristano e Isolda*, de Wagner, no theatro de S. Carlos — O abuso dos córtes, nas partituras das operas, cada vez mais pronunciado se torna em S. Carlos — Como os cantores d'este fim de seculo se vêem embaraçados para cantar as operas de estylo largo, e desacompanhado de instrumentação — Como a epocha lyrica correu por longo tempo tranquilla — A quietação dos inimigos da empreza — Por fim manifestam-se pateadas — Rescisão da escriptura da dama Montalcino — Pobreza dos espectaculos, com operas muito curtas e grandes intervallos — A falta de danças.

A affluencia á assignatura, para a epocha de 1898-1899, excedeu tudo quanto, até então, se vira em sêde de theatro pelo publico lisbonense. Além das assignaturas ordinaria e extraordinaria, nas mesmas condições do anno anterior, houve outra assignatura supplementar de 12 recitas, pelo preço da assignatura extraordinaria!

N'esta epocha a empreza fixou o preço das recitas avulso, o mesmo para recitas ordinarias e extraordinarias, a saber:

Frizas	17$000
1.ª ordem	21$000
2.ª »	11$000
3.ª »	8$500
Torrinhas	6$000
Plateia	2$000
Galeria 1.ª fila	1$200
» 2.ª »	1$000
» 3.ª »	$700
Varandas numeradas	$600
Entrada geral, com direito a entrada nas varandas	$500

A concorrencia do publico ao real theatro de S. Carlos de Lisboa tem, nos ultimos annos, progressivamente augmentado, tanto mais quanto maior tem sido a elevação dos preços, e quanto mais pronunciada se tem manifestado a decadencia das representações do theatro lyrico!

Eis o elencho da companhia lyrica do theatro de S. Carlos, na estação de 1898 1899:

Damas: Eva Tetrazzini, Livia Berlendi (meio soprano), Elena Bianchini Cappelli, Luiza Pagin, Maria Stuarda Savelli, Maria Martelli, Carmen Bonaplata, Zaira Montalcino, Rosa Garavaglia, Lina Garavaglia (comprimaria).

Tenores: Fernando De Lucia, Carlo Delmas, Guglielmo Ibos, Fiorello Giraud, Carlo Cartica, Carlo Ragni (comprimario), Luigi Fiesoli (comprimario).

Barytonos: Mario Ancona, Giovanni Polese.

Baixos: Giuseppe De Grazia, Archangelo Rossi (buffo), Luigi Muñoz Degrain, Emanuele Candella (comprimario).

1.ª bailarina: Ines Caldi; choreographo: Angelo Estella.

Maestros: Cleofonte Campanini, Giuseppe Barone, Gioachino Alminaña (dos coros).

Director de scena: Eugenio Salarich; ponto: Mario Marchesi; scenographo: Rovescalli; vestiarista: Chiappa; adrecista: Rancati; machinista: Attilio Vago.

O reportorio foi o seguinte:

Manon Lescaut, de Puccini, em 21 de dezembro de 1898, por Eva Tetrazzini, Livia Berlendi, Fiorello Giraud, Giovanni Polese, Archangelo Rossi, Carlo Ragni, Emanuele Candella.

Tannhaüser, de Wagner, em 24 de dezembro, por Elena Bianchini Cappelli, Luiza Pagin, Rosa Garavaglia, Carlo Cartica, Mario Ancona, Giuseppe De Grazia, Muñoz Degrain, Ragni, Candella.

Bohème, de Puccini, em 27 de dezembro, por Stuarda Savelli, Maria Martelli, Giraud (e depois De Lucia), Polese, De Grazia, Rossi, Degrain, Luigi Fiesoli Candella.

Andrea Chénier, de Giordano, em 30 de dezembro, 1.ª recita de assignatura extraordinaria, por Tetrazzini, Martelli, Berlendi, Rosa Garavaglia, Carlo Delmas, Ancona, Rossi, Ragni, Degrain, Candella.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 1 de janeiro de 1899, por Bianchini (e depois Carmen Bonaplata), Martelli, Berlendi, Lina Garavaglia, Cartica, Polese (e depois Ancona), De-Grazia, Rossi, Degrain, Ragni, Fiesoli, Candella, Gabazzi. Segundo tem sido costume, n'estes ultimos annos, entre muitos outros córtes, foi supprimido completamente todo o 5º acto!!

Ernani, de Verdi, em 7 de janeiro, por Bianchini, Lina Garavaglia, Giraud, Ancona, De-Grazia, Fiesoli, Candella.

Lohengrin, de Wagner, em 13 de janeiro, 2.ª recita de assignatura extraordinaria, por Savelli, Berlendi, Guglielmo Ibos, Ancona, De-Grazia, Degrain.

Werther, de Massenet, em 16 de janeiro, 3.ª recita de assignatura extraordinaria, por Savelli, Berlendi, Lina Garavaglia, Delmas, Polese, Rossi, Ragni, Degrain, Candella.

L'Africana, de Meyerbeer, em 22 de janeiro, por Bianchini, Martelli, Isquierdo, Ibos, Ancona, De-Grazia, Ragni, Degrain, Fiesoli, Candella. D'esta vez foi supprimido todo o 5.º acto!!

O Real Theatro de S. Carlos

CAMILLO SAINT-SAËNS

Saffo, de Massenet, em 30 de janeiro, 4.ª recita de assignatura extraordinaria, por Tetrazzini, Martelli, Berlendi, Giraud, Polese, Rossi, Ragni, Candella.

Fausto, de Gounod, em 4 de fevereiro, por Savelli (e depois Martelli), Rosa Garavaglia, Lina Garavaglia, Cartica, Ancona (e depois Polese), De-Grazia, Candella.

Rigoletto, de Verdi, em 13 de fevereiro, por Martelli, Berlendi, Lina Garavaglia, Isquierdo, Cartica, Ancona, De-Grazia, Degrain, Ragni, Fiesoli, Candella.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 14 de fevereiro) representado por mulheres, excepto o papel de D. Bartolo, que foi desempenhado pelo buffo), por Tetrazzini (Almaviva), Savelli (Figaro), Bianchini (D. Bazilio), Berlendi (Rozina), Rossi (D. Bartolo), Lina Garavaglia (Fiorello e Berta). Na scena da lição Berlendi cantou o rondó da *Cenerentola*, de Rossini, e no fim da opera Tetrazzini cantou a romanza *El paletot*.

La Forza del destino, de Verdi, em 18 de fevereiro, por Bianchini, Berlendi, Lina Garavaglia, Cartica, Polese, De-Grazia, Rossi, Degrain, Ragni, Candella. Nos bailados da opera debutou n'este dia a bailarina Ines Caldi.

Pagliacci, de Leoncavallo, em 20 de fevereiro, por Savelli (e depois Martelli), Giraud, Ancona, Polese, Ragni.

Cavalleria rusticana, de Mascagni. em 23 de fevereiro, 6.ª recita de assignatura extraordinaria, para debute do tenor Fernando De-Lucia, por Tetrazzini, Berlendi, Lina Garavaglia, De-Lucia, Polese.

Carmen, de Bizet, em 7 de março, recita extraordinaria fóra da assignatura, festa artistica do tenor Giraud, e debute da dama Zaira Montalcino, por Montalcino, Martelli, Rosa e Lina Garavaglia, Giraud, Polese, Rossi, Ragni, Degrain.

Serrana, de Alfredo Keil, em 13 de março, 9.ª recita de assignatura extraordinaria, por Tetrazzini, Cartica, Ancona, De-Grazia, Degrain, Ragni. O libretto é do distincto poeta e dramathurgo Henrique Lopes de Mendonça, traduzido em italiano por Cesare Ferreal.

Mefistofele, de Boito, em 17 de março, por Bonaplata, Berlendi, De-Lucia, De-Grazia, Ragni. (Foi recita fóra da assignatura, em beneficio do Instituto Ultramarino).

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

V

O FILHO DO TRABALHADOR

Eyvind abriu os olhos no dia seguinte pela manhã, depois d'um somno reparador e sonhos felizes. Marit e elle estavam nas ribas; ella deitava-lhe folhas e flores que elle, rindo, lhe recambiava. O ar era todo embalsamado e por sobre as cabeça d'elles brilhava o sol. O sonho era tão vivo, que Eyvind ao acordar ficou pasmado de se ver na cama e de ter sonhado; mas logo as lembranças da vespera o vieram acabrunhar. Sentia um desanimo profundo e parecia-lhe que para elle já não havia futuro.

— Muito dormiste! disse-lhe a mãe, que estava fiando ao pé da lareira. Levanta-te, almoça e vai ter com teu pae que foi cortar lenha para a matta.

Emquanto se vestia, reparou que a mãe cantarolava, fazendo andar a roda, como recordando o tempo em que tambem ella dançava nos bailes do natal. As cantigas velhas d'outro tempo deram-lhe certa alegria. Poz as meias de lã, o barrete de pelles e lá foi, de machado ao hombro.

Cahia neve, mas muito devagarinho, em grossos flocos humidos; o atalho estava escorregadio. Eyvind sentia os joelhos presos por causa da canceira da vespera e voltavam-lhe as tristezas lembrando-se de que teriam acabado para sempre os passeios com Marit. Um ptarmigan espantado levantou-se-lhe a meia duzia de passos; parou subitamente, e, estremecendo a cada bulha que ouvia na matta, dizia comsigo:

— Se fosse ella!

Que lhe diria ella? Que desejava elle que lhe ella dissesse? Não sabia. Não sabia o que desejava. Desejaria qualquer coisa? Sonhava, era certo, mas tão vagamente a certos projectos de futuro...! Para realisar os bellos castellos seria preciso o consentimento de mais d'uma pessoa. E só de em tal pensar, batia-lhe o coração. N'isto, ouviu na matta as machadadas do pae; foi logo ter com elle e metteu-se ao trabalho.

O pae, como sempre, pouco lhe falou. Apanhando a lenha cortada para a empilhar, Eyvind murmurou:

— Um trabalhador tem que trabalhar a valer.

— Todos têem que trabalhar, disse o pae, cuspindo na palma da mão antes de tornar a pegar no machado.

— Se o pae tivesse um casal que fosse seu, já assim não gastava o seu suor.

— Outros cuidados haviamos de ter, respondeu o pae.

A mãe chegou, trazendo o almoço. Continuava de bello humor e sentou-se, sempre cantarolando e batendo o compasso com o pé.

— Eyvind, perguntou ella, que has de tu ser quando fores homem?

— Filho de trabalhador, só tenho um caminho, respondeu Eyvind.

— O mestre-escola diz que devias ir para o seminario.

— Pode ir-se para o seminario sem se pagar?

— Ha os fundos da escola, que pagam pelos pobres, disse o pae.

— Tu gostavas de aprender? perguntou a mãe sorrindo.

— Lá isso gostava; mas não queria ser mestre-escola.

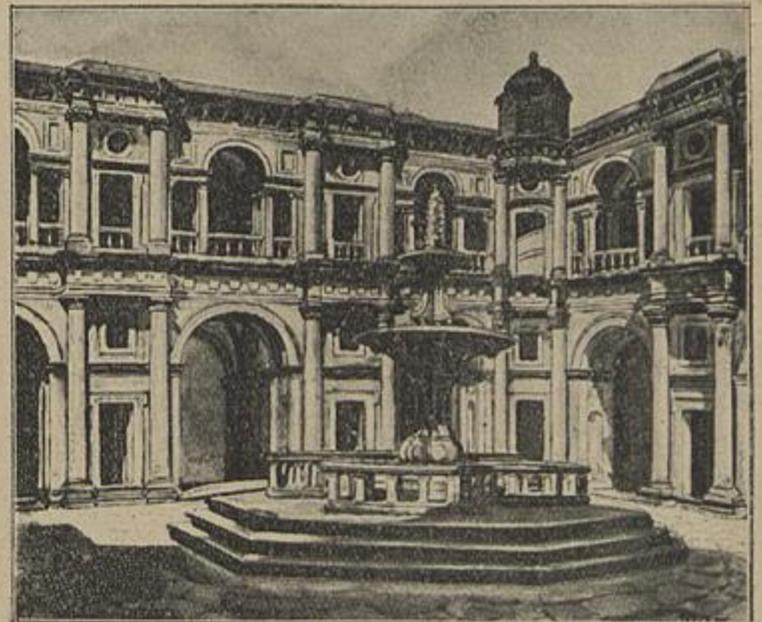
A mãe poz-se a cantar. Eyvind, enfrenesiado com a cantiga, sentou-se lá longe.

— Pois tinhas que pedir dinheiro emprestado á escola para os estudos do nosso filho? perguntou ella, quando se viu só com o marido.

— Pudera! disse Thore com ar carrancudo. Olha que pergunta a um pobre como eu!

FERNANDO DE LUCIA

CASTELLO DE THOMAR

— Não gosto de te ouvir, sempre com essa mania de pobreza.
O pae levantou-se e olhou em redor, inquieto, porque tinha medo que Eyvind estivesse á escuta.
— O que dizes só prova a tua falta de siso, disse rudemente á mulher.
— Não tens vergonha nenhuma! respondeu ella. Nem te lembras de agradecer a Nosso Senhor que permittiu que vivessemos sem cuidados.
— Podemos agradecer-lhe de trazermos botões de prata.
— Digo-te que é mesmo offender a Deus deixar o Eyvind ir ao baile vestido como lá foi hontem.
— O Eyvind é filho d'um trabalhador.
— Não é razão para o não vestirmos bem, visto que podemos fazel-o.
— Ve lá se elle te ouve!
— Tomára eu que elle me ouvisse!
O pae, todo afflicto, desceu da cama e levantando para o céo a mão com a colher de páo poz-se a gritar o mais alto que poude:
— Ai, que negra sorte a nossa!
— Dás me vontade de rir com as tuas queixas, disse a mãe. Porque nunca has de falar dos moinhos?
— Os moinhos! Ve lá se os ouves andar!
— Graças a Deus, podia ouvir que não param dia nem noite.
— Desde a noite de Natal que não moem.
— Porque n'estes dias de festa ninguem lá leva trigo.
— Levam, quando ha agua. Desde que construiram o outro lá mais em baixo, ficámos mal por aqui.
— Não foi o que o mestre-escola ainda hontem me disse:
— Hei de dar o meu dinheiro a guardar a quem não dê tanto á lingua como o mestre-escola.
— Discreto só has de achar quem nada confie á tua mulher.
Thore calou-se; accendeu o cachimbo e, para não olhar para a mulher, poz-se a examinar um ninho velho de corvo suspenso nos ramos d'um pinheiro.

CONVENTO DE CHRISTO — Claustro de D. João III

Eyvind, sempre sentado lá longe, via ante os olhos desenvolver-se-lhe o futuro como lençol d'agua; e seus pensamentos voavam como gaivotas, ora rente das aguas, ora erguendo-se até muito alto, no céo.

Pela primeira vez comprehendeu então que a pobreza vede a estrada da vida, e todo seu idear que então lhe vinha era procurar o meio de ser menos pobre.

Marit sentia-a perdida para elle; já devia de estar compromettida com João Hatlen.

Mas como seria lindo passar-lhes adeante no caminho da riqueza!

Rico, ninguem o afastaria nem seria capaz de despresal-o.

Por isso decidiu nunca mais voltar a bailes sem ser qualquer coisa n'este mundo com a ajuda do Todo Poderoso.

Bem sabia que um curso seria para elle o meio de trepar, e desde então só cuidou da maneira por que havia de portar-se para bem estudar.

A' tarde houve uma corrida de trenós. Os rapazes foram todos para o monte, mas Eyviud deixou-se ficar junto da lareira, que não havia tempo a perder. Os rapazes que o esperavam vieram espreitar á vidraça e chamaram-o. Mas elle, de costas voltadas para a janella, continuava a ler como se os não ouvisse. Outras tardes ainda debalde esperaram por elle. Pois bem sabia que já Marit nunca ia para o monte, mas nem por isso mudou de tenções. Com tal afinco estudava, que

CONVENTO DE CHRISTO — Parte superior do coro
Gravuras extrahidas do livro «A ordem de Christo»

o proprio pae se assustou. Não gostava de o ver serio assim tão de repente. A cara redonda do pequeno afilava-se; os olhos eram pensativos; raras vezes cantava, não procurava divertir-se e queixava-se de que os dias eram curtos demais para o trabalho. Os companheiros, fartos de o chamar inutilmente, deixaram os arredores da casa e escolheram para seus divertimentos outro poiso no monte, mais longe.

O mestre-escola não fôra dos ultimos a perceber a mudança de Eyvind; conversava com o rapaz muita vez, procurando inspirar-lhe confiança; mas já lhe não conhecia o caminho do coração. O velho disse aos paes do seu discipulo a pena que isso lhe fazia, até que, um sabbado á noite, de combinação com elles, entrou e sentou-se á lareira.

— Vamos, Eyvind, disse instantes depois saimos juntos, que quero conversar comtigo.

Eyvind sahiu com elle; metteram-se pelo caminho do casal de Heide e foram andando e conversando n'isto e n'aquillo.

O mestre-escola metteu por um desvio e, quando chegaram ao casal do meio, ouviram muitos gritos de alegria

— Que é aquillo? perguntou Eyvind.

— Estão dançando, disse o mestre-escola. Vamos até lá.

— Eu não vou

— Já não queres dançar, rapaz?

— Não, não,... por ora não... depois.

— Que queres tu dizer com esse *depois*?

Eyvind não respondeu.

— Nada de asneiras rapaz, continuou o mestre-escola. Entramos.

— Não, sr.

— É o teu professor que t'o pede e quer que te divirtas como os outros rapazes. Porque não has de obedecer-me? Estará lá alguem que tenhas medo de ver?

— Como posso eu saber quem lá está?

— Não me fujas á questão. Talvez esteja ali dançando certa pessoa...

Eyvind baixou a cabeça. O mestre poz-lhe a mão no hombro.

— Tens medo de ver a Marit? Responde, Eyvind.

O rapaz custava-lhe a respirar.

— Tens vergonha de m'o confessar, porque ainda não foste confirmado; não receis dizer-me tudo.

Mas Eyvind teimava em calar-se.

— Nem um nem outro fostes felizes n'estes ultimos tempos. Será possivel que a Marit goste d'alguem mais que de ti?

Eyvind continuava calado. O professor escandalisou-se com aquella obstinação diabolica e ambos retomaram o caminho de casa.

— Desejas muito ser confirmado, disse o mestre-escola. Gostarias de entrar no seminario para depois, por tua vez, seres professor? Não creio; cuido que mais gostarias de comprar um casal, se tivesses dinheiro. N'esse caso deves entrar para a Escola de Agricultura. Ahi, só se apprende o que tem certa utilidade.

— Pois não ha distincções e gráos n'essa Escola? perguntou Eyvind.

— Porque m'o perguntas?

E' que gostava de ser sabio.

— Sciencia é uma coisa e gráos é outra, disse o mestre meneando a cabeça.

Continuaram a andar, mas calados. O frio era intenso, a lua erguia-se sobre o gelo umido e brilhante, em que as arvores se reflectiam como um espelho.

— Lindos espectaculos nos dá Nosso Senhor! disse o mestre.

Tambem Eyvind admirava o quadro, que via agora com os outros olhos, não como d'antes, quando a mãe lhe contava historias e outro maior prazer não tinha do que deixar-se escorregar desde o alto dos montes sobre o gelo.

— Sim, respondeu, é lindo!

— Aqui se compriram todos os desejos de teu pae. O com que teu pae se contentou deves contentar-te.

Logo Eyvind deixou de lhe parecer que lhe contentasse o que via. O mestre depressa percebeu o que ia na alma do rapaz. Encolheu os hombros. Ambos entraram em casa onde o velho se demorou um instante; logo se despediu. O pae e a mãe acompanharam-o até á porta; pareciam esperar que elle lhe dissesse qualquer coisa.

— Os sitios por aqui estão agora muito socegados, balbuciou a mãe, desde que os pequenos se andam divertindo lá por mais longe.

— Aqui já não ha pequenos, disse o mestre-escola com gravidade.

A mãe percebeu-o logo.

— Eyvind não anda satisfeito, murmurou.

— Nunca anda satisfeito quem tem ambições, replicou o mestre.

E olhava para o céo como homem que só tem confiança em Deus.

VI

A CONFIRMAÇÃO

Seis mezes depois, ali pelos principios do outomno, foi a confirmação.

Rapazes e raparigas, preparados para a ceremonia, estavam na primeira sala do presbyterio esperando o exame. Lá estavam Eyvind e Marit. Marit já tinha falado com o professor que lhe havia dado um lindo livro e muitos *satisfecit*. Por isso ria e tagarellava com as companheiras, sempre ás voltas, não sem de quando em quando deitar o seu olhar para o outro lado da sala, onde estavam enfileirados os rapazes.

A Marit fizera-se uma linda rapariga, esbelta, de maneiras vivas e simples. Rapazes e raparigas, que bem sabiam que seria ella querer e todo o ricasso da aldeia fazer-lhe côrte, não se espantavam d'aquelle bom humor.

Mas nem todos se achavam felizes n'aquella sala e por detraz da porta ouviam-se soluços grandes. Ali se escondiam os que não, tinham sido admittidos a exame. O que parecia mais afflicto era um pobre rapasinho com umas botas do pae, muito grandes, que lhe chegavam quasi á cintura. Era vel-o a chorar no lencinho que a mãe usava aos domingos.

— Ai, Senhor, Senhor! dizia. Eu não me atrevo a voltar para casa!

Pelos cantos do quarto enorme, os que ainda tinham medo de não sahir approvados recapitulavam quanto lhe haviam ensinado. E, caso estranho, julgavam saber tudo antes de chegar o grande momento; agora sentiam-se muito menos orgulhosos.

Um d'elles fazia o seu exame de consciencia e recordava as partidas que em toda a sua vida tinha feito aos paes, aos companheiros ou ao mestre; e, em vista d'isso, dizia comsigo que era bem possivel que Nosso Senhor o castigasse.

Tremia quanto podia.

Outro, que tinha enguiços, queria adivinhar a sorte com quanto via. Se o relogio não desse horas emquanto elle não contasse até vinte, é que havia de escapar. Se a primeira pessoa que entrasse na casa fosse o Lars, o moço da cavallariça, tambem havia de escapar. Mas era preciso que o Lars entrasse com o pé direito, se fosse com o esquerdo, tudo estava perdido.

Um terceiro rezava com toda a alma para que lhe perguntassem a historia de José Não sabia de toda a Biblia senão a historia de José, mas n'essa era um barra.

Outro, á força de desejar que lhe pedissem para dizer o Sermão do Monte, já nem suspeitava que lhe perguntassem outra coisa. E baixinho dizia o Sermão.

Mas a maior parte, para criar animo, pensava muito simplesmente que o Pastor era um santo homem, que o mestre escola era tão bom como Nosso Senhor, e que lá nas casas d'elles as mães e as irmãs não faziam senão resar. Era o que lhes dava confiança.

E depois tambem havia os que não pensavam em coisa alguma e se contentavam em roer as unhas emquanto iam esperando. Não desgostariam de sahir approvados, mas, se não o fossem, tambem lhes não dava isso grande cuidado. Era cada paz d'alma que não havia meio de ralar-se!

Eyvind estava sentado ao pé da janella. Já tinha ido a exame e tinha respondido bem a todas as perguntas. E no entanto o pastor não lhe tinha feito elogio nenhum nem o mestre-escola. E elle que havia seis mezes n'outra coisa não pensava senão nos parabens que os dois lhe haviam de dar, ao verem com que afinco havia trabalhado! O pobre rapaz estava devéras mortificado.

Marit, que não se cançára tanto e só estudára em meio das brincadeiras, obtivera premio e um incentivo solemne. Era ver como triumphava! As gargalhadas e a troça da pequena punham a arder o coração de Eyvind. E depois achava soltas de mais as maneiras de Marit. Desde o baile do Natal evitava dirigir-lhe a palavra e jurára nunca mais em vida lhe falar nem sequer pensar n'ella. Mas via-a ali tão contente e cheia de si! Todas as resoluções cahiam como folhas seccas, que o vento leva.

Entretanto ia sempre esperando tirar a desforra, não havia de tardar, contra aquella rapariga, pois contava apanhar o n.º 1. O costume era o pastor e o mestre-escola retirarem-se juntos para combinar as notas que cada alumno merecia. Mandavam depois chamar os candidatos tremen-tes e proclamavam o resultado do exame. O ultimo exame já acabára e ia principiar a terrivel declaração. Eyvind, immovel, olhava para a Marit. Ella já sabia que tinha sahido approvado, mas deixava-se ficar na sala, como se a interessasse a sorte d'alguem além da sua. Santo Deus! como a Marit se tinha feito bonita! Nunca se vira coisa mais fascinante que a côr da sua pelle! O nariz era um tanto arrebitado, mas a bocca sempre a sorrir, logo fazia esquecer tão pequenino defeito. Os olhos, que ella sempre tinha semi-cerrados, erguiam-se de subito, quando olhava para a frente, e que doce luz d'elles sahia! Os cabellos eram mais para castanhos que loiros, mas em ondas espalhavam-se em volta da testa, que lhe cobriam até meio, o que lhe dava a todo o rosto uma terna, mysteriosa expressão.

— Se ella se poz assim tão bonita, pensava Eyvind, deve ser por causa do João Hatlen.

Mas, por muito mal que o seu coração lhe quizesse, não podia deixar de admiral a.

N'aquelle momento entrou o mestre. Todos os alumnos o rodearam logo.

— Que numero apanhei?

— E eu?

— E eu?

— E eu?

— Tu apanhaste o n.º 2, disse o mestre a um rapaz d'olhos azues, que deitava para elle um olhar supplicante. E tu, continuou virando-se para um rapasola que lhe puxava pelas abas do casaco, apanhaste o n.º 3. Tu, Marit, continuou, és o n.º 1 das meninas.

Não fizera menção do n.º 1 dos rapazes. Eyvind não poude conter-se na cruel incerteza.

— O' mestre!... mestre! exclamou. E eu?

— Quem foi então o n.º 1? perguntou Mans, que era o melhor amigo de Eyvind.

— Tu não foste, cabecinha de vento.

— Então quem foi? perguntaram todos ao mesmo tempo. Quem foi?

— Basta, disse o mestre. Não lhes dou licença para me fazerem perguntas. Voltem para suas casas, rapazes. Vão alegrar os corações de seus paes. Sejam reconhecidos para com Nosso Senhor e tambem para com seu velho mestre. Vão.

Toda a pequenada obedeceu a rir. Voltaram para casa dos paes com premios e certos de que iam ser bem recebidos. Só o Eyvind é que ficou, como se ainda esperasse

— Porque não vaes com os outros? perguntou o mestre. Porque abres os teus livros?

(Continua).

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO VI

Meteoros luminosos

Lançando uma vista de olhos ao firmamento, notamos immediatamente a sua côr azulada caracteristica, denominada, por isso, azul celeste. A abobada que observamos, é formada por camadas atmosphericas que, reflectindo a luz emanada do Sol, interpõem entre o espaço e nós, uma especie de véu fluido azulado, variando de intensidade e altura consoante a densidade variavel das zonas aereas.

Esta côr é ordinariamente mais carregada no zenith, esclarecendo á maneira que nos approximamos do horizonte, onde adquire um tom esbranquiçado. Nos nossos climas, observa-se uma côr mais escura depois de varios dias de chuva, aos quaes se segue o bom tempo.

A côr do céu é modificada pela combinação do azul reflectido pelas moleculas do ar, o negro do espaço infinito que fórma o fundo da atmosphera, e o branco das vesiculas de nevoa, particulas de gelo ou poeiras diversas que existem nas alturas

Parte dos raios luminosos enviados ao nosso planeta são absorvidos pelo ar, e parte, reflectidos; o ar, não obstante, opera desegualmente sobre todos os raios que compõem a luz branca; deixa passar o vermelho e reflecte os azues, sendo essa differença sensivel, só, quando a luz atravessa grandes massas de ar. As montanhas longiquas tomam a côr azul devido á reflexão das particulas do ar, e sobretudo, ao vapor d'agua existente entre essas montanhas e o observador. Hassenfratz demonstrou que os raios azues são refle-

ctidos com mais força. Com effeito, quanto mais espessa fôr a camada atmospherica que o raio atravessar, mais estes raios cedem o logar aos vermelhos. D'aqui, o observarmos quando o sol está perto do horizonte, que este astro torna a côr purpurea, porque o raio percorre maior espessura de ar. Por isso, tambem, a côr azul, nos arco-iris notados antes do occaso do sol, não apparece n'estes. Recentemente, Tyndall, reproduziu a côr azul do céu, e a das nuvens, por meio de vapores de sulphureto de carbone. Tomou um tubo de vidro no qual introduziu vapores d'esta substancia e fez passar atravez d'este uma faisca electrica. Manifestou-se então a reflexão da luz pela formação de uma nuvem azul celeste, a qual se condensa, tornando-se branca e semelhante ás nuvens observadas na atmosphera.

A transparencia do ar é manifesta, sobretudo quando este não está cercado de nevoeiros, podendo-se ver os objectos a enormes distancias. Apezar do seu fraco poder absorvente não é, no emtanto, completa. Suas moleculas absorvem parte da luz que recebem, deixam passar outra parte, e reflectem uma terceira, d'onde provém o facto d'essas moleculas darem origem a uma abobada apparente, illuminando os objectos terrestres que o sol não illumina directamente, e ainda o determinar uma transição insensivel da luz, do dia para a noite, e não, repentina.

Por meio de observações diurnas, se nota que a transparencia é maior antes e depois das chuvas. Observando-se durante muitos dias, o mesmo objecto situado no horizonte, constata-se que este é, ora visivel nitidamente, ora muito menos visivel.

Agora que estudámos a côr do ar atmospherico e a transparencia das suas camadas, vejamos a que é devido o abaixamento successivo da abobada apparente, consoante a altura.

É a um simples effeito de perspectiva.

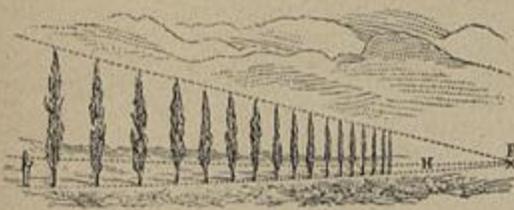



Fig. 14 — Effeito de perspectiva

Supponhamos uma avenida de arvores da mesma altura. Para o observador collocado ao pé de uma d'ellas, parecerá que estas, á maneira que se tornam mais distantes d'este, diminuem em altura, chegando mesmo as que se acham collocadas no fim d'essa avenida, a confundirem-se com o solo. Para o individuo collocado em cima de uma d'essas arvores o effeito da perspectiva será diverso, conservando-se estas, a mesma altura, e parecendo que o solo se approxima da maxima altura d'estas.

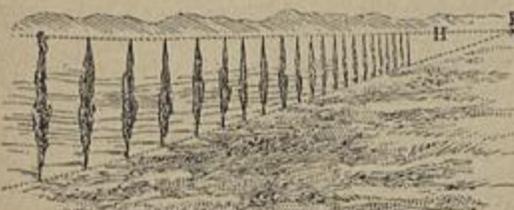



Fig. 15 — Effeito de perspectiva

O mesmo succede com a abobada celeste. Refiramo-nos ás nuvens, para que esse effeito se nos torne mais sensivel. Partindo do zenith, parece que estas vão baixando gradualmente até attingir o horizonte. Quando mais alto estivermos, mais vasto se nos parece o horizonte, por este motivo, parece-nos quando o sol ou a lua está no horizonte, que estes astros são maiores do que a realidade. Todos teem, realmente, observado, por exemplo, que, quando a lua apparece, esta tem umas dimensões apparentes enormes, e á maneira que tende para o zenith, essas diminuem. É um simples effeito de *perspectiva*.

Uma das propriedades do ar é a sua *refracção*.

Quando um raio de luz passa de um meio transparente para outro, soffre um desvio, resultado da differença de densidade dos meios. Se, por exemplo, mergulharmos um pedaço de madeira dentro de agua, este parecer-nos-ha quebrado junto á superficie da agua, devido á refracção. O mesmo succede nas camadas aereas.

A refracção é, pois, o desvio que o raio luminoso soffre, passando de um meio para outro, de diversa densidade.

A este facto, se attribuem os *crepusculos*. Assim, devido á refracção a estrella situada em A, parece-nos collocada em A', o meteoro R em R' etc. Apenas esta se encontra no zenith, o desvio é nullo.

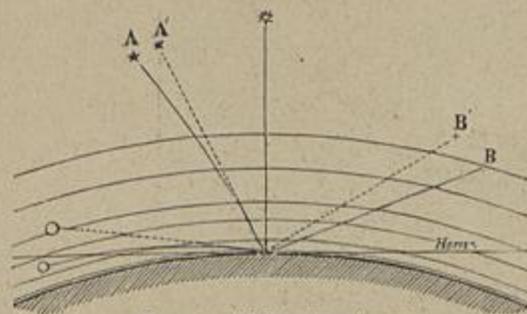



Fig. 16 — Effeitos da refracção

A duração do dia é, por conseguinte, augmentada pela elevação apparente do sol, e a da noite, pelo mesmo facto, diminuida. Se não existisse a atmosphera, apenas o sol descesse abaixo do horizonte, a noite substituiria o dia, e as trevas succederiam rapidamente ao dia, porém, antes do nascer e depois do occaso do sol, a terra acha-se ainda illuminada por uma especie de luz, denominada luz *diffusa* constituindo os crepusculos. O que se observa antes do nascer do sol, denomina-se *matutino*. O que se observa, posto o sol, denomina-se *vespertino*. O limite do crepusculo é o momento em que se observam, de tarde, ou deixam de se observar, de manhã, as estrellas de sexta grandeza. Nos nossos climas observa-se o phenomeno quando, de manhã o sol se encontra a 18° abaixo do horizonte, ou quando, de noite, este se encontra a menos d'esta distancia, abaixo do horizonte. Por esse motivo, são os dias augmentados de cerca de 15 minutos durante a manhã, e de outro tanto, durante a tarde. É assim que, o sol, de verão, pondo-se ás 7 horas e 30 minutos da tarde, deixa só de ser vizivel ás 7 horas e 45 minutos pouco mais ou menos.

O crepusculo é tanto mais prolongado quanto maior for a quantidade de vapores condensados, por isso, é este, maximo no inverno e nas regiões polares. Entre os tropicos, onde a atmosphera é, em geral, mais pura e secca, a duração dos crepusculos é muito menor.

(Continúa). *Antonio A. O. Machado.*

Recebemos e agradecemos:

A Ordem de Christo, *por J. Vieira da S. Guimarães, medico cirurgião pela Escola de Lisboa, com.* XI—*374 pag. e uma de erratas.*

Eis um livro historico que se nos apresenta com um aspecto moderno. Capa elegantemente illuminada e caracteristica, vinte e nove gravuras illustrativas e algumas vinhetas adornando o texto. A importancia que entre nós tiveram a Ordem do Templo e a sua successora, a Ordem de Christo, primeiro na fundação e consolidação do reino de Portugal, depois nos descobrimentos maritimos, colonisação dos paizes de alem-mar e propagação das doutrinas do Evangelho, estavam reclamando um historiador. O convento de Thomar, esse grandioso monumento de diversas epochas da nossa historia, e em que cada geração fôra escrevendo uma pagina, incitavam a que alguem com fé, diligencia e enthusiasmo e amor lhe estudasse o nascimento, prescrutasse as successivas evoluções, e descrevesse os promenores de todas as bellezas e manifestações d'aquelle vasto repositorio da arte nacional. Filho de Thomar, o sr. dr. Vieira Guimarães, começou desde muito novo a embeber-se na contemplação do primoroso monumento, que engrandece a sua terra, e d'ahi o fanatismo com que, a par dos seus estudos profissionaes, foi robustecendo o sentimento archeologico, que o guiava para o exame e divulgação d'aquella obra de arte. Depois de nos dar em breves traços a historia da Ordem do Templo e os seus serviços no estabelecimento do reino de Portugal, mostra-nos como a tempestade que contra ella se levantou lá fóra, foi atenuada no nosso paiz, pela prudencia, habilidade e previdencia de D. Diniz, que levantando uma nova instituição a *Ordem de Christo* sobre as ruinas da antiga, dotou a nação com um nucleo de dedicações, que haviam de auxiliar poderosamente a sua expansão politica e colonial. As phases por que passou esse instituto até se assentar definitivamente em Thomar, a terra querida do famoso Gualdim Paes, são delineadas rapidamente para dar logar á descripção do grandioso edificio, com os primitivos lineamentos lançados pelo grande infante D. Henrique e proseguidos com maior ou menor actividade, durante os reinados de D. Manuel, D. João III e D. Sebastião, e terminados com a obra magestosa das fontes, começada e quasi ultimada pelos Philippes. E' nesse ponto que o auctor desenvolve um estudo profundo, apalpando cada parede, interpretando cada ornato, examinando cada epitafio, descrevendo minuciosamente, e fazendo resaltar de tudo, o sentimento cavalheiroso e patriotico que domina a obra; ao mesmo tempo que nos patentea o seu intrinseco amor pela terra natal, assoálha o seu enthusiasmo e admiração por todos os artistas, por mais humildes que fossem, que deram o contingente da sua actividade para o levantamento ou conclusão d'aquella magestosa fabrica. Percorrendo os paizes estrangeiros para adquirir elementos de comparação, veiu depois extrahir dos archivos nacionaes o que lhe era mister para completar o seu emprehendimento. Pena é que a impressão do livro fosse tão precipitada pela parte da typographia, como sabemos, que não permittiu uma perfeita revisão. Defeitos e alguns equivocos tem decerto o livro, basta ser trabalho humano, e o primeiro que o auctor nos apresenta, mas não é nosso intento esmerilhar sombras, para encobrir a luz. Não perdia nada a obra com uma subdivisão da materia em capitulos, para mais commodidade da leitura e fixação dos assumptos no espirito do leitor. Continue, porém, o auctor estudando e produzindo obras impregnadas de um verdadeiro amor patrio, que nós o applaudiremos, lendo-as sempre com vontade e satisfação.

A B C do Povo — *por Trindade Coelho — Com dezenhos de Raphael Bordallo Pinheiro — Livraria Aillaud — Lisboa, 1901.*

O auctor confessa na sua *Nota* do presente livro que hesita em chamar-lhe «methodo» e quanto mais um methodo propriamente seu, e declara que se inspirou profundamente na tradicção, supponde que o methodo não passa do velho e portuguezissimo *Abc*, como o leitor pode verificar á primeira inspecção.

Não é, todavia, tanto assim. O illustrado auctor apresenta a modificação essencialissima, como elle proprio o reconhece, de abandonar os mono syllabos enfadonhos e caracteristicos do barbaro syllabario antigo, substituindo-os intelligentemente por sons que são ao mesmo tempo palavras vivas, vocabulos usuaes da nossa lingua. Egualmente a divisão syllabica é feita por côres distinctas na impressão, scientificamente combinadas, de modo a não ferir a vista, como são o castanho e o verde neutro. Ainda em deliciosas cercaduras se tornam pittorescas, interessantes e attrahentes, as 66 paginas do elegante ABC, que, em edição luxuosa e aprimorada, é posto generosamente ao alcance de todas as bolsas pelo infimo preço de 50 réis. Só de graça distribuiu o sr. Trindade Coelho dez mil exemplares.

Os entendidos, com a sua critica e experiencia, hão de certo tecer os merecidos louvores ao utilissimo emprehendimento do distincto homem de letras, que tanto se preoccupa pelo adiantamento do povo portuguez. A nobre missão que se impoz já tem recebido o justo apreço das mais notaveis individualidades scientificas do paiz e não tardará que pela activa propaganda que se faça, se vejam os opimos fructos que, sem duvida, ha de produzir e serão justissimo premio ao desinteressado trabalho do sr. dr. Trindade Coelho.

El partido Romerista—*por D. Manuel Lorenzo d'Ayot—Director de «La Reforma Litteraria»—(Bibliotheca Española) Madrid—1901.*

Eis um folheto em que o seu auctor, fazendo a mais absoluta profissão de fé politica, de patriotismo e de independencia, vem a reconhecer que á politica do paiz visinho falta um partido vigoroso, constituido por um nucleo de elementos differentes entre si mas eguaes na sua aspiração commum de querer o engrandecimento e o bem-estar da sua formosa e adorada Hespanha.

Filiou-se o auctor no partido que dirige D. Francisco Romero Robledo, porque entende ser aquelle em que se consubstanciam as suas aspirações, que de forma nenhuma constituem ambição demasiada. Allude ás questões religiosas, e a Portugal chama a nação *de los nacientes adelantos*, e termina por affirmar que as luctas religiosas

CONVENTO DE CHRISTO — CLAUSTRO DE SANTA BARBARA
(GALERIA INTERIOR)
Gravura extrahida do livro «A ordem de Christo»

nunca foram das mais proprias para fazer progredir um paiz, e muito principalmente a Hespanha, onde ainda se sente o cheiro das fogueiras inquisitoriaes.

O folheto é escripto em linguagem sincera e vigorosa e n'elle propõe D. Manuel d'Ayot ao partido romerista a creação d'um grande periodico, falta com que está luctando.

Diversos boletins:

Boletim da Real Associação dos Proprietarios do Porto.

Esta nova publicação de distribuição gratuita é dedicada ao estudo d'assumptos que interessam aos proprietarios de bens rusticos e urbanos e especialmente para estreitar relações entre todas as associações de proprietarios, portuguezas e estrangeiras.

Boletim da Real Associação de Architectos civis e archeologos portuguezes. — Lisboa.

A nova serie d'este apreciado boletim mudou de formato, que ora é mais manuseavel, a uma só columna por pagina, em logar de duas como antigamente. E' distribuido já brochado e continúa inserindo valiosos trabalhos.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Os numeros presentes d'este boletim conteem diversos trabalhos muito importantes, cujos titulos são os seguintes:

A cathedral de Góa, por Luiz Gonçalves; *Notas para o diccionario chorographico da provincia de Moçambique*, por Gomes da Costa; *Subsidios para a materia medica indo-portugueza*, por Caetano Francisco Xavier Gracias; *Les Açores d'après les portulans*, pelo dr. Jules Mees; *Antonio da Silveira*, capitão de Arzilla, de Gabriel de Freitas; *O grande conflicto humano*, por F. de Abreu Marques.

Relatorios:

Temos presentes os seguintes relatorios, em cuja apreciação não entraremos, reconhecendo todavia que estão lucidamente elaborados, como era justo esperar dos respectivos relatores.

Instituto de soccorros a naufragos — Commissão executiva central de Lisboa — Relatorio da gerencia do anno de 1900.

Vem assignado pelos srs. Conde de S. Januario, Jorge O'Neill, Polycarpo Anjos e Hypacio de Brion (secretario-relator).

Relatorio sobre o Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, por Francisco da Fonseca Benevides, director do mesmo instituto — 1898-1900.

E' um relatorio muito valioso, contendo todos os dados necessarios para claramente se avaliar do movimento e importancia de tão proveitoso estabelecimento de instrucção.

Real Gymnasio Club Portuguez — Gerencia de 1900-1901. — Parecer da commissão revisora de contas — Lisboa.

Estes documentos foram approvados em assembléa geral de 11 de maio ultimo. Subscrevem-nos os directores srs.: Carlos Arthur Xafredo, João Baptista Teixeira, Alvaro Pereira de Lacerda, Manuel Ferreira d'Almeida, Antonio Diogo da Silva, José Carlos Augusto Fernandes e José Libanio Ferreira da Silva.

Annuarios e almanachs.

Almanach dos theatros para 1902 — João Romano Torres, editor — R. D. Pedro V, 84 a 88, Lisboa.

Attingiu o seu decimo segundo anno de publicação este apreciado almanach, dirigido pelo sr. F. A. de Mattos. Insere grande variedade de monologos, cançonetas comicas, poesias e differentes producções humoristicas e satyricas. E' ornado com os retratos das actrizes Cecilia Machado, Amelia Loppicolo e Ilda Victoria. O interessante livrinho custa apenas 100 réis.

Almanach dos Reporters para 1902 — Dirigido por Luiz da Silva e Albino Sarmento — Lisboa.

Além dos artigos proprios d'um livro do seu genero, publica grande numero de retratos dos nossos mais apreciados escriptores, e varias composições suas em verso e prosa. E' notavel a profusão de annuncios com que o commercio e a industria contribuiram para o presente almanach.